

O MENINO QUE PERDEU OS DEDOS

Ela foi considerada a melhor professora e alfabetizadora do antigo ensino primário naquela escola abandonada pelo governo e por Deus de uma cidade perdida no sertão das Gerais. Chegou de trem numa manhã fria e escurecida pelas nuvens negras que despejavam água, raramente chovia canivetes ou a cântaros nos tempos d'antanho, o que já foi bastante incomum para aquele lugar seco e quase sempre estorricado muito antes do homem destruir a camada de ozônio com mais prazer e gosto, como nos tempos de hoje. Veio sozinha, logo após o resultado do concurso público sair no Diário Oficial e ter sido nomeada pelo governo, ninguém queria dar aulas naqueles cafundós. Mulher de fibra, solteira, foi com a cara e a coragem. Adaptou-se rapidamente aos costumes daquela gente isolada, arredia. Logo arrumou um lugar para ficar, morava numa pensão que abrigava alguns poucos caixeiros viajantes que seguiam a linha do trem de ferro e apenas nas férias do final do ano retornava à capital Belzonte para visitar os pais, alguns parentes e amigas dos tempos em que estudou no Instituto de Educação.

Suas aulas encantavam pelas imagens que criava para as crianças, o entusiasmo genuíno que transmitia para que lessem e escrevessem. Naquele tempo, pra manter a linha da molecada, era permitido o uso de vara de marmelo e régua de madeira. Dona Francineide era craque com as duas mãos, tanto na vara de marmelo que ela manejava como se tivesse acabado de sair de um banho de borralho, como na régua de 50 centímetros em madeira de lei. O silêncio na sala de aula era total, só o apito do trem quebrava a modorra das tardes quentes.

Um de seus alunos era o Sinaleiro, apelido que deram ao moleque por piscar demais e responsável pelas acontecências que narramos aqui. Quando a dona Francineide chegou, o moleque já tinha se recuperado de um grave acidente. Cheio de vida e energia, ninguém o segurava e não tinha medo de nada. Aprendeu logo a andar de bicicleta, subia e descia as ruas e morros da cidade o tempo todo, fazia entregas para a mãe quituteira, buscava pão na padaria, levava frutas para a avó no centro, pois morava num bairro afastado, quase zona rural. Foi numa dessas aventuras que tudo aconteceu, ele caiu numa valeta cheia d'água de chuva, o pé esquerdo enroscou no pedal e na corrente que soltou, o sangue esguichou, foi uma confusão só até levarem pro pequeno posto médico e ser atendido. A enfermeira de plantão pouco pode fazer, quando recebeu o atendimento correto havia perdido três dedos do pé, que o levaram a usar uma estranha bota que era maior que o necessário. Manquitolando, não perdeu a energia, continuou zanzando pra todo lado.

No primeiro dia de aula, não perdoou. Ao ver a dona Francineide brandindo a régua nas mãos de um colega que havia errado as sílabas, não teve dúvidas. Assim que ela passou pelo corredor, deixou o pé no caminho fora da carteira. Ela não teve dúvidas, pisou sem dó sem saber que não havia dedos naquele lugar, ele deu um grito de dor mais falso que nota de trinta merréis, a mulher se assustou, pediu para ele se acalmar, foi buscar água com açúcar e nunca mais levantou a mão para ele, por mais "artes" que praticasse. Até o dia em que descobriu a farsa e lhe pespegou uma bela lambada com a vara de marmelo.

Dias depois, dona Francineide apanhou o trem para passar as férias na capital. Sentou-se no vagão de segunda classe, que era o que seu salário permitia pagar. Quando viu o fazendeiro mais rico da cidade entrando no trem e vindo se sentar ao lado, enquanto seu filho ia para a primeira classe, espantou-se. Francineide perguntou ao fazendeiro: "porque o senhor vai ficar aqui na segunda classe, enquanto seu filho vai para a primeira?"

O sujeito, com seu bigodão escovado para cima como se fosse uma antena de FM respondeu na lata: "porque ele tem pai rico, eu não."

Mauro Ferreira é arquiteto